

O CORPO E O ANTI-DEVIR

(Reich na constituição de uma ideologia niilista)

Lourenço Leite¹

E-mail: lourencoleite@ufba.br

RESUMO

A repressão sexual na família autoritária foi uma das questões centrais do pensamento de Wilhelm Reich no intuito de mostrar a constituição de ideologia fascista. Pertencente a uma certa dissidência freudiana e crítico psicanalítico, Reich compôs o grupo dos primeiros divergentes do pensamento de Freud, assim como Jung, Adler e Stekel na década de 20. Será a partir da Teoria da Genitalidade e da Teoria do Caráter que Reich formulará a sua teoria crítica da ideologia autoritária. Particularmente na família esta ideologia percorre caminhos históricos e sedimentações psicológicas, cabendo aos indivíduos, por uma revolução sexual, extirpar as repressões e chegar a uma consciência social.

PALAVRAS CHAVES: Repressão Sexual – Família Autoritária – Teoria da Genitalidade – Teoria do Caráter – Wilhelm Reich – Freud.

A repressão sexual na família autoritária foi uma das questões centrais do pensamento de Wilhelm Reich no intuito de mostrar a constituição de ideologia fascista. Pertencente a uma certa dissidência freudiana e crítico psicanalítico, Reich² compôs o grupo dos primeiros divergentes do pensamento de Freud, assim como Jung, Adler e Stekel na década de 20.

¹ Professor de Filosofia e Ética da Universidade Federal da Bahia.

² Wilhelm Reich (24 de Março de 1896 – 3 de Novembro de 1957) foi um psiquiatra psicanalista austríaco-americano. Em 1933 é forçado pelo nazismo a sair da Alemanha, mudando-se para Oslo, na Noruega, laborando no Instituto de Psicologia da universidade local. Ali vive até 1939, quando muda-se para Nova Iorque, cuidando de divulgar suas idéias, agora na língua inglesa, tendo seu "A função do orgasmo" sido neste idioma publicado a primeira vez em 1942. Nos Estados Unidos Reich cria um instituto para o estudo do "orgônio", passando a fazer muitas pesquisas, inclusive para tratamento do câncer, pesquisas essas publicadas em seu livro "A Biopatia do Câncer". Em 1954 passa a ser investigado pela FDA (Federal Food and Drug Administration), que lhe rende um processo e posterior aprisionamento, após infrutíferas tentativas de apelação. Reich não reconhecia outra pessoa na defesa de sua ciência para si. Encarcerado desde 12 de março de 1957, morre de ataque cardíaco em 3 de novembro. Foi um discípulo dissidente de Sigmund Freud, propôs a gênese da neurose como consequência dos conflitos de poder que se estabelecem nas relações sociais e suas implicações emocionais e psicológicas. Reich dava grande ênfase à importância de desenvolver uma livre expressão dos sentimentos sexuais e emocionais dentro do relacionamento amoroso maduro. Reich enfatizou a natureza essencialmente sexual das energias com as quais lidava e descobriu que a energia orgone era bloqueada de forma mais intensa na pélvis. Embora divergindo de Freud, Reich deste não se apartou, na compreensão de que toda a psique humana deriva da compreensão das funções sexuais. Suas opiniões radicais a respeito da sexualidade resultaram em consideráveis equívocos e distorções de seu trabalho por autores futuros e, conseqüentemente, despertaram muitos ataques difamatórios e infundados. A função do orgasmo Com este título, sua obra mais conhecida expõe conceitos para os quais a psicanálise freudiana não estava preparada. Nesta obra, Reich aproxima-se, por meio transversal, de idéias menosprezadas pelo meio científico tradicional, tais como a Teosofia e até mesmo o Espiritismo, falando da existência de

A sua maior descoberta nessa trajetória foi a da função do orgasmo: "*O orgasmo era uma idéia fixa. Está no âmago da sua teoria do homem e da sociedade, em última instância, tornou-se a rubrica sob a qual interpretou todo o cosmos*" considera Paul Robinson em sua obra *A Esquerda Freudiana*³.

Reich "*propunha inverter os conceitos psiconeuróticos de Freud*" reelaborando "*o conceito de neurose atual e dele fazendo o centro da sua patologia sistemática*"⁴. O sintoma neurótico é alimentado pela não descarga da libido. Apesar de Freud na sua metapsicológica ter demonstrado isso, é em Reich que o comportamento neurótico vai adquirir a sua justificação pela ideologia internalizada na família.

Será a partir da Teoria da Genitalidade e da Teoria do Caráter que Reich formulará a sua teoria crítica da ideologia autoritária. Particularmente na família esta ideologia percorre caminhos históricos e sedimentações psicológicas, cabendo aos indivíduos, por uma revolução sexual, extirpar as repressões e chegar a uma consciência social.

Reich inventou também a expressão "sexo-economia" para designar a carga sexual da libido e explicitar melhor a sua quantidade, medida em relação aos pressupostos ideológicos da família autoritária. Mas esta expressão de síntese entre o pensamento de Freud e de Marx é que vai levá-lo à elaboração de sua última teoria científica: a biopsíquica ou energia orgone: "*De fato, Reich acabou concebendo a história do cosmos como uma titânica luta entre a energia orgone e a energia atômica*"⁵. Contudo, a nossa abordagem limitar-se-á aos pressupostos da economia sexual sobre a família autoritária na constituição de uma ideologia.

II - A Teoria da Genitalidade e a Teoria do Caráter: pressupostos da família autoritária

Iniciar uma abordagem da teoria da genitalidade em Reich é, de um certo modo, supor a teoria freudiana da neurose repressiva. Freud estabeleceu na maquinação psíquica que a neurose é o resultado de um conflito entre a libido e sua instância moral repressiva. Esta instância ele denominou de SuperEgo e Ego. Não como sendo a mesma coisa, mas como interdependentes dentro do aparelho

uma substância intangível, vital, que batizara de orgone cósmico - e que equivaleria, grosso modo, ao "prana" teosófico ou o "fluido cósmico universal" de Kardec (Reich desconhecia completamente o Yoga).

³ Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971. p. 12

⁴ Id. *ibid.* p. 14

⁵ Id. *ibid.* p. 54

psíquico. O Ego, fruto de energias sublimadas e enfraquecido pelo conflito entre a libido e a instância moral repressora, por sua vez, não consegue liberar as energias para satisfazer a libido. Assim, segundo Freud, não poderia haver neurose sem uma perturbação sexual.

Reich vai aceitar esse funcionamento, mas definirá a neurose como resultado de uma perturbação, não da libido em geral, mas da libido genital. Somente a plena satisfação da libido pelo orgasmo pode assegurar o equilíbrio do indivíduo. A repressão da sexualidade, portanto, vai levar também ao represamento pulsional da libido, gerando angústia, a qual influenciará diretamente no desempenho das capacidades de trabalho do indivíduo e do seu equilíbrio emocional. Essa libido fixada acarreta consequências no orgasmo, o que, de retorno, a torna mais enfraquecida. Disso resulta, uma introspecção do indivíduo e não a sua realização efetiva sexual. Para Reich ainda, aliás como para Freud, estas pulsões reprimidas, se não forem sublimadas, não poderão efetuar as suas devidas descargas. No entanto, Reich observa que a sublimação eficaz, não patológica, é somente aquela das pulsões pré-genitais, porque as demais são insublimáveis. No neurótico, este funcionamento pulsional adquire a forma de uma sociabilidade permeada de sexualidade pré-genital. Ele não consegue então, que a sua genitalidade venha a se efetuar, devido as repressões internas adquiridas que prejudicam a sua vida amorosa.

Essa teoria de Reich implica numa saída para o antagonismo freudiano entre o indivíduo e a sociedade, mediante a articulação da individualidade, produzida pelo poder psíquico, com a "individualidade", construída pelo poder das relações sociais e culturais: "*é também a saída do plano estrutural das fatalidades biológicas para o plano das contradições históricas, solúveis historicamente*"⁶.

Apesar da teoria da genitalidade ter sido proposta numa época em que as implicações da psicanálise com a crítica social não eram ainda totalmente claras, Reich, mesmo assim, pôde antecipar certos elementos que depois se incorporaram a sua teoria da ideologia.

No indivíduo onde a genitalidade é assumida, o SuperEgo, responsável pela transmissão ideológica, perde sua capacidade punitiva. Se: "*nesta utopia genital*", "*o conflito edipiano é resolvido de forma não repressiva, o SuperEgo se debilita, e não consegue exercer eficazmente sua função de introjetar no psiquismo os valores morais inibidores*"⁷.

⁶ ROUANET, S. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio, Tempo Brasileiro, 1983, p. 29.

⁷ id. *ibid.*., p. 31.

Com relação a teoria do caráter, Reich vai construí-la a partir de suas experiências clínicas. A observação feita por ele foi de que: *"o indivíduo no curso terapêutico não manifestava apenas uma atitude de resistência do seu psiquismo, sobretudo de maneira específica e única; ao contrário, os indivíduos demonstravam certo estilo diferenciando na forma terapêutica"*. A diferença observada por Reich possibilita uma distinção entre o conteúdo neurótico, provindo do inconsciente, e a forma como ele se manifesta. Sua crítica vai de encontro à *"análise tradicional que limitava-se ao conteúdo fornecido — sonho, ato falho, sintoma. A teoria do caráter concentra-se no como o sonho é narrado, como o ato falho é cometido. Pois, esse como é sempre idêntico e nessa identidade de reação o analista encontra a chave para uma estrutura global de personalidade, cujo desvendamento e dissolução analítica constituem o pressuposto para a eliminação da resistência e para a ruptura do caráter patológico"* ⁸.

Ora, para Reich esse tipo de manifestação tem uma couraça denominada de caráter — "Panzerung", como ele mesmo chamou, literalmente uma blindagem, erigida pelo Ego para sobreviver aos conflitos internos e poder se relacionar com o mundo exterior. Essa máscara tem uma história, que não é nada mais que sua própria cristalização e sedimentação de suas diferentes formas de apresentar-se ao mundo no decorrer da vida do indivíduo. E essa blindagem, quanto mais solidificada, tanto mais contém energias reprimidas de sua genitalidade. O resultado é, que, nesta situação, o indivíduo está agindo como "robot", ossificado na "Panzerung" caractereológica: *"a tarefa da terapia consiste em dissolver a blindagem"*, mais exatamente, ajudar o indivíduo a sair de sua fase neurótica para a fase genital, ou seja, de um caráter neurótico para um caráter genital.

Partindo dessa *Teoria da Passagem Caractereológica*, a teoria da ideologia em Reich começa a adquirir seu fundamento: *"o caráter é 'missing link' entre a ideologia e a ação"*. Se a ideologia, como diz Marx, *"tornou-se uma forma material na medida em que se apodera das massas"* essa força depende do grau de internalização nas consciências dos indivíduos. Concernentemente, diz Rouanet, *"a ideologia se ancora no caráter"*. O caráter é uma espécie de contendor ideológico cultural a calcificar as personalidades. Ainda Rouanet: *"aderindo racionalmente a uma idéia, os homens pensam diferentemente; assimilando a ideologia, e transmutando-a em caráter, os homens são diferentes"*⁹.

⁸ id. *ibid.*, p. 31.

⁹ id. *ibid.*, p. 35 (os grifos são meus)

A família, nessa situação, marcada de ideologia autoritária, mola mestra da sociedade pequeno-burguesa, vai influenciar e servir de parâmetro fundamental na teorização que Reich faz da base repressiva do caráter. Diz Reich no início do cap. IV da *Psicologia de Massas do Fascismo*: "*Uma vez que a sociedade autoritária se reproduz, com o auxílio da família autoritária, nas estruturas individuais das massas, a família tem de ser abordada e defendida pela reação política como a base do Estado da Cultura e da Civilização*". No entanto, se observarmos a família sob o ponto de vista da evolução social, ela não pode ser encarada, continua Reich, "*como a base do Estado autoritário, mas como uma das mais importantes instituições que lhe servem de apoio*"¹⁰. O processo de ideologização portanto, carrega consigo o estigma da família autoritária que vai fundamentar a moral sexual repressora e indicar o caminho que os homens e as mulheres devem seguir na sociedade, principalmente a sociedade burguesa. E, se no caso de aparecer nessa sociedade a mulher *liberada* das amarras da sexualidade submissa, o colapso da ideologia autoritária estaria prestes a acontecer. Os homens por sua vez, assumem a posição reacionária e conservadora de ter a mulher como objeto de reprodução e não como parceira do prazer. O prazer às mulheres é negado para não comprometer a liberdade do homem e a manutenção da estrutura ideológica. Nesta perspectiva, diz Reich: "*o ato sexual por prazer desonra a mulher e mãe; uma prostituta é uma mulher que aceita o prazer e vive para ele*"¹¹.

A família para Reich, como objeto de estudo e análise histórica tem na repressão sexual sua razão de ser. Assim fundamenta a origem da ideologia autoritária, exclusivamente, sem outras finalidades explicativas. Desta maneira, a distinção que ele efetuou na sua pesquisa, foi de uma história da sociedade dividida por dois tipos básicos: "*o matriarcado tolerante e o patriarcado autoritário*"¹².

III. A Ideologia Autoritária na Família de Classe Média Baixa: gênese e estrutura repressiva.

Sem dúvida, Reich foi um grande analista político das massas e não um analista das classes sociais. No seu estudo *Psicologia de Massas do Fascismo*, Reich analisa com rigor o *Führer* e a sua origem na sociedade alemã. A sua tentativa foi de mostrar como Hitler não se elegeu sozinho, ou seja, não foi ao poder por força autoritária, enquanto alguém ideologicamente convincente pela

¹⁰ São Paulo, Martins Fontes, 1972 p. 99

¹¹ id. *ibid.*, p. 101

¹² *op. cit.* p. 39

retórica ou pelo poder repressivo. Hitler, personalidade catalizadora do caráter germânico na época da social-democracia, reflete com perfeição os anseios embutidos na família pequeno burguesa e sabe conduzi-los ao pódio da história nazista. Em decorrência desse tipo de atitude, Reich vai colocar em relevo o cerne da questão: "*o que se passa nas massas, que as leva a seguir um partido cuja liderança é, objetivamente, oposta aos interesses da classe trabalhadora?*"¹³. Contudo, em meio a esta análise da psicologia das massas, Reich faz uma explicação das atitudes da classe média baixa, uma das "maiores" classes da história na preservação da ideologia autoritária. Diz ele: "*quanto maior é o peso e a dimensão das camadas de classe média numa nação, tanto maior é a sua importância como força social de ação decisiva*"¹⁴. Nesse sentido, a classe média baixa centralizou em si uma maior responsabilidade: tanto na mudança, quanto na absorção da ideologia fascista. É nessa classe que a força do fascismo encontrou a sua maior consistência. Inclusive as lutas internas, mesmo as travadas com os senhores feudais, foram iniciadas e preconizadas pela classe média posteriormente assumidas pela classe trabalhadora, que de certo modo, já pertencia a esse contexto. E ao conservar por vários milênios todas as contradições do regime patriarcal, a classe média baixa tem, em virtude dessa experiência, não apenas uma importância econômica, mas sobretudo uma força social extraordinária: "*mas é o movimento de massas da classe média que possibilita a transformação desse movimento fascista num movimento de massas e a sua subida ao poder que vem cumprir a sua função imperialista*", vai dizer Reich na *Psicologia de Massas do Fascismo* ¹⁵.

A fim de podermos identificar melhor a posição social da classe média na história, segue o que Reich distingue:

- a) sua posição no processo de produção capitalista;
- b) sua posição no aparelho de Estado autoritário;
- c) sua situação familiar especial.

Dessas distinções analisadas por ele é que se terá uma melhor compreensão da sua teoria da ideologia em relação a classe média. A diferenciação das posições da classe média não vai contudo, esclarecer necessariamente a sua estrutura ideológica. Apesar dela se situar nesses diferentes níveis do social e do econômico, é normalmente na família que se dá uma identificação de aspectos essenciais.

¹³ São Paulo, Martins Fontes, 1972. p. 39

¹⁴ id. *ibid.*, p. 48

¹⁵ id. *ibid.*, p. 42

Todavia, por mais que a classe média tentasse se organizar em cada um desses níveis, a concorrência econômica impediria que ela se desenvolvesse. Para mostrar e elucidar melhor as consequências desse tipo de entrave social, gerador de ilusões e de regimes conservadores, junto com Reich, abordar-se-á alguns tipos de comportamento do funcionário público:

1) o funcionário público encontra-se normalmente abaixo das conquistas políticas do proletariado e, em contrapartida, compensa essa defasagem com a ilusão de fazer carreira no departamento onde trabalha;

2) a sua perspectiva diante da nação é sempre de servi-la e de tornar-se um bom patriota, ajudando-a no seu progresso e no desenvolvimento econômico; nisso consiste sua total identificação com o poder estatal; no caso de um funcionário de uma empresa, ele se identificaria com a empresa em que trabalha;

3) obedecendo cegamente aos seus superiores o funcionário é representante dessa autoridade diante de seus colegas e, como tal, goza posição moral privilegiada;

4) a sua vida particular é modesta, mas a sua aparência social é sempre de alguém que detêm um certo poder aquisitivo, pois veste-se sempre bem e possui coisas que só a classe média alta poderia adquirir sem maiores dificuldades — é a manutenção do seu *status quo*, implicado no sacrifício de vida privada familiar; há casos até dele não ter dinheiro para a alimentação básica, sem contudo deixar de se "vestir bem".

Nessa configuração de estilo de vida, a família desse funcionário exerce uma influência constante, seja na manutenção de sua aparência social, seja no arremate da utilização da máscara caractereológica. Compreender essa influência, foi uma das grandes preocupações da 1ª fase de Reich, quando de seu estudo de filosofia política. Numa de suas questões, ele aponta a problemática da família autoritária sobre seus pupilos: "*qual a extensão exata dessa identificação com a autoridade?*" Que ela existe, continua ele, "*já se sabe. Mas a questão é saber como, a despeito dos fatores econômicos que a atingem diretamente, os fatores emocionais fundamentam e consolidam de tal maneira a atitude do indivíduo da classe média baixa que sua estrutura se mantém absolutamente firme mesmo em épocas de crise, ou em épocas em que o desemprego destrói a base*

econômica imediata"¹⁶. Será portanto nessa situação familiar que Reich encontrará a chave para o fundamento emocional da alienação e do caráter autoritário.

Na *Análise do Caráter*, sua obra principal, Reich justificará os aspectos da ideologia autoritária à luz da psicanálise, da mesma forma como pretendeu efetuar a terapia dos problemas autoritários quando de sua estadia em Berlim. Escreve Paul Robinson sobre a Esquerda Freudiana: "*a verdadeira tarefa que pretendia (Reich) não era de terapia, mas profilaxia*".

No regime vigente da época, onde a repressão sexual se consolidava, a análise reicheana levava a uma revolução das instituições. Responsável pela repressão sexual, a família como uma dessas instituições, cooperava decisivamente na propagação da ideologia autoritária, e portanto precisava ser revista.

Nesse contexto repressivo, a libido estava reprimida, as energias sexuais desviadas para o trabalho e a produção consideravelmente maior. Nesse processo, o indivíduo se tornava neurótico e repetia sempre os valores do Estado Burguês Capitalista. A explicação de Marx, por exemplo, referente a esta alienação do sujeito pela ideologia, servia para o que ele chamou "*falsa consciência*". De uma falsa consciência, porém, que poderia ela mesma estar defasada diante das mudanças econômicas a que este mesmo indivíduo estava submetido. Perguntava Marx: "*como explicar a força aparentemente autônoma da ideologia?*" Respondia Reich: "*a ideologia se internalizava ou fixava na estrutura do caráter do indivíduo*"¹⁷.

Vê-se que a preocupação de Reich não era com a estrutura ideológica, mas sobretudo com a sua internalização. Como para Marx, a ideologia é mistificadora, mas numa linha de *atitude* das massas muito mais do que de uma consciência de classe social. As massas eram o ancoradouro onde as ideologias autoritárias de estrutura psicológica aportavam.

Toda a análise política empreendida por Reich na teoria da genitalidade e na teoria do caráter, como também na teoria da ideologia, iria servir para uma fundamentação científica da revolução sexual. Não queria apenas mostrar o caminho da revolução sexual como crítica ou resistência à ideologia autoritária, mas de esclarecer que esta via era resultado imediato e irreversível de uma política de massas do fascismo. O que Reich queria assegurar era uma revolução sexual que garantisse os direitos sexuais da infância e da adolescência, porque a criança, embutida nesse

¹⁶ id. *ibid.*, p. 45-46

¹⁷ ROBINSON, P. *op. cit.* p. 35

contexto repressivo iria se tornar inevitavelmente um adulto neurótico e alienado de seu papel social. Iria apenas reproduzir o que o sistema autoritário lhe havia transmitido. A adolescência, por sua vez, diante da abstenção sexual entendida como abstenção da libido na sua forma mais ampla, iria se tornar delinqüente e neurótica, pervertida e alienada politicamente. No entanto, como salienta Paul Robinson "*a análise que Reich utiliza diante da Revolução sexual não é apenas permissiva, mas de fato, encorajadura do intercurso sexual adolescente*". Curioso é que Reich chegou até a "*dedicar inúmeras páginas ao problema de proporcionar aos adolescentes moradia e preservativos necessários à satisfação de suas necessidades sexuais*"¹⁸. Se transportarmos esta sua preocupação para a década de 80, onde os mecanismos de repressão foram substituídos e adaptados à realidade social, a Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida — AIDS, e hipoteticamente pensada nesta situação, converge com o papel do autoritarismo diante da juventude para conter a sua liberação sexual. E dando asas a imaginação, o problema diante dessa síndrome não seria exclusivamente de caráter patológico, mas sobretudo moral. Inclusive porque inicialmente o grupo atingido foi o dos homossexuais, já considerado, pela ética social autoritária, um “grupo de risco”. Não como um grupo de risco transmissor do vírus, mas anteriormente, como possível grupo desestruturizador da família, esta, agente promissor e conservador das ideologias dominantes. E, indo mais além, de mãos dadas com a Teoria da Revolução Sexual de Reich verifica-se a contra-partida da grande liberação da sexualidade na sociedade capitalista como instrumento de alienação e delinqüência sexual da juventude. Enfraquecê-la pela permissividade gerada pela mídia capitalista e entorpecê-la de drogas para que ela não veja o seu horizonte político é tarefa do sistema dominante. De um lado, uma moral repressiva que pretende reassumir seu controle, de outro, uma apologia da permissividade para obter-se uma alienação. Resta saber onde se encontraria a resistência. Seria na última instância da "ideologia crítica" a que Reich denominou de Sexpol? Não se faria necessária também uma crítica desse comportamento sexual, porque não basta apenas *politizar a questão sexual* e torná-la pública, sendo preciso *realmente* saber se esse modo suprime a "falsa consciência" e encaminha uma verdadeira consciência social do indivíduo no seu tempo?

São Paulo, PUC, 1987.

¹⁸ op. cit. p. 44

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão*. Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo, Martins Fontes, 1972.
- REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- ROBINSON, Paul. *A Esquerda Freudiana*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria Crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.